

A defesa da conservação do edifício da Escola-Classe 114 Sul em Brasília nas colunas da jornalista Yvonne Jean (1962-1969)

The defense for the conservation of the Escola-Classe 114 Sul building in Brasilia in the columns of journalist Yvonne Jean (1962-1969)

Juarez José Tuchinski dos Anjos*

Palavras-chave:
Arquitetura Escolar
Brasília
Escola-Classe 114 Sul

Resumo: O artigo tem por objetivo analisar a defesa da conservação do edifício da Escola-Classe 114 Sul em Brasília, nas colunas da jornalista Yvonne Jean, publicadas no jornal diário *Correio Braziliense*. Foram revisitadas algumas das concepções arquitetônicas e pedagógicas que presidiram a criação da escola, que a queriam como uma instituição moderna e centrada na criança, como partícipe do processo educativo. Ao contrastar o prescrito com o realizado, foi possível observar os maus usos de que a instituição foi sendo objeto ao longo da década de 1960 e que, aos poucos, foram desvirtuando e subvertendo sua proposta educativa. Mais do que relatar essa situação, evidencia-se na escrita de Yvonne Jean um forte caráter interventivo, no sentido de sensibilizar os leitores para empreenderem esforços visando a conservação do edifício da escola-classe e, mais do que isso, o retorno às práticas educativas mediadas pelo espaço escolar, que teriam caracterizado a Escola-Classe 114 Sul nas suas origens.

Keywords:
School Architecture
Brasília
School-Class 114 South

Abstract: The article aims to analyze the defense of the conservation of the Escola-Classe 114 Sul building in Brasília, in the columns of journalist Yvonne Jean, published in the daily newspaper *Correio Braziliense*. Some of the architectural and pedagogical concepts that guided the creation of the school were revisited, which wanted it to be a modern institution centered on children, as participants in the educational process. By contrasting what was prescribed with what was carried out, it was possible to observe the misuses to which the institution was subjected throughout the 1960s and which, little by little, distorted and subverted its educational proposal. More than reporting this situation, Yvonne Jean's writing shows a strong interventionist character, in the sense of sensitizing readers to undertake efforts aimed at conserving the school-class building and, more than that, the return to educational practices mediated by the school space, which would have characterized Escola-Classe 114 Sul in its origins.

Recebido em 26 de novembro de 2023. Aprovado em 1º de fevereiro de 2024.

Introdução

Em 19 de fevereiro de 1962, começou a funcionar em Brasília, na superquadra 114 Sul, a Escola-Classe 114 (FEDF, 1985). Foi projetada pelo

arquiteto Wilson Reis Netto (Chain, 2018)¹. Construída numa cidade onde tudo se queria planejado – inclusive seu sistema educacional – a escola possuía linhas arquitetônicas modernistas, adaptadas ao ensino igualmente moderno que se almejava nela oferecer². Se tornaria, em certa medida,

* Doutor em Educação, na área de História da Educação. Professor Adjunto da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília. E-mail: juarezdosanjos@unb.br.

uma escola modelar, expressão de uma pedagogia moderna centrada na criança, tal qual propugnava o Movimento pela Escola Nova³, base pedagógica do sistema de ensino da capital, proposto pelo educador Anísio Teixeira (1961)⁴. Sua fama tornou-se tamanha, que foi alçada a ponto turístico, sendo visitada por anônimos que iam conhecer a nova capital e por personalidades públicas, como os príncipes do Japão. Sua primeira diretora foi a professora Alita Vieira (FEDF, 1985).

Também em 1962 chegou a Brasília, para trabalhar no setor de extensão cultural da recém-criada Universidade de Brasília (Teixeira, 2017), a jornalista belgo-brasileira Yvonne Jean da Fonseca (1911-1981). Trazia em sua bagagem, além de vasto capital cultural, uma experiência jornalística adquirida em periódicos do Rio de Janeiro e São Paulo (Mineirini Neto, 2019), o que certamente a motivou a também buscar e conseguir colocação no jornal local *Correio Braziliense*, braço dos Diários Associados na capital da República (Anjos, 2022). No *Correio*, ao longo da década de 1960, assinou diferentes colunas, todas com uma característica em particular: dar grande ênfase à educação. De fato, Yvonne Jean visitava escolas e tinha entre seus informantes professoras e alunos do ensino primário, que lhe forneciam tópicos para suas colunas. Um tema de que se ocupou, em alguns momentos, foi o da necessidade de conservação do edifício da Escola Classe 114 Sul.

Este artigo, assim, parte de uma pesquisa de pós-doutoramento em história da educação⁵, tem por objetivo analisar a defesa da conservação do edifício da Escola-Classe 114 Sul em Brasília, nas colunas da jornalista Yvonne Jean, publicadas no jornal diário *Correio Braziliense*. O recorte temporal vai do ano de 1962, quando foi inaugurada a Escola-Classe 114 Sul e vai até 1969, ano da última manifestação de Yvonne Jean em suas colunas sobre o assunto.

Em termos metodológicos, perseguindo o fio do nome (Ginzburg, 1991), consultaram-se as edições do *Correio Braziliense* disponíveis na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional relativas à década de 1960, com a busca pela palavra-chave: “Yvonne Jean”. A partir desse descritor foram localizadas mais de seis centenas de colunas assinadas pela jornalista. Após a leitura integral dessas colunas,

realizou-se um fichamento das informações sobre a Escola-Classe 114 Sul nelas contidas, recortando-se, para esse estudo, as que abordavam a conservação do edifício escolar.⁶

O artigo divide-se em duas partes. Na primeira, é realizada uma breve descrição arquitetônica da Escola-Classe 114 Sul, com base em notas e fotografias publicadas pelo arquiteto Wilson Reis Netto na Revista *Módulo* em 1963. Na segunda parte, o foco recai sobre a defesa feita por Yvonne Jean, a partir de 1964, da necessidade de conservação do edifício escolar, visando manter suas características e funções educativas originais. Ao final, encerra-se com algumas considerações, a modo de conclusão.

A escola planejada por Wilson Reis Netto

Para a investigação do espaço arquitetônico de uma instituição escolar, Antonio Viñao Frago, usando a metáfora da matrioska russa, recomenda:

Para analisar a dimensão espacial dos centros docentes, nada parece mais adequado, se a análise se pretende total, do que seguir o exemplo das bonequinhas russas que escondem simultaneamente, dentro de si, outra similar, mas em tamanho menor. Em primeiro lugar, se deverá considerar a localização ou adequação em relação a outros espaços e lugares; depois, o local ou território ocupado e a distribuição, no mesmo, das zonas edificadas e não edificadas e, assim, seguir progressivamente, desde essas últimas até a sala de aula, passando pelo edifício em seu conjunto e sua distribuição interna em diversos espaços e usos (Viñao Frago, 2001, p. 75).

Em função das fontes disponíveis, nem todos os aspectos abordados pelo historiador espanhol poderão ser aqui explorados. Ainda assim, seu roteiro nos ajudará a compreender a parte essencial da dimensão arquitetônico-educativa da escola assinada por Wilson Reis Netto.

De acordo com o planejamento urbanístico de Brasília, elaborado por Lúcio Costa, a cidade é dividida em setores, destacando-se dentre eles, o setor residencial, localizado nas chamadas Asa Sul e

Asa Norte. A unidade básica de organização desses setores são as superquadras, dentro das quais se localizam os edifícios residenciais e os equipamentos públicos, como é o caso das escolas primárias (Costa, 1991). Adequando-se a esse plano urbanístico, o plano educacional delineado por Anísio Teixeira estabelecia que, no interior de cada quadra residencial, deveria ser instalado um jardim de infância e uma escola-classe (Teixeira, 1961). Foi seguindo essas prescrições – coisa que nem sempre foi levada em conta na prática de construção das quadras residenciais, como se observa no presente – que na superquadra 114 localizada na Asa Sul foi edificada a Escola-Classe 114 Sul, assim chamada em referência à quadra que a abriga. Dessa forma, o edifício escolar dialogava com o seu entorno, integrando a escala cotidiana da superquadra, tornado possível às crianças que nela residiam irem sozinhas à escola primária, desenvolvendo sua autonomia. Sobre essa questão, se manifestou Wilson Reis Netto na revista *Módulo*:

Situada na Superquadra 114, a escola serve às crianças que residem naquela área. Integra-se ao novo sistema de educação primária adotado no Distrito Federal. Com essa finalidade, a construção cria um ambiente inconfundivelmente humano, apto a favorecer o estudo e a boa camaradagem (Reis Netto, 1963, p. 16).

Sobre a distribuição das zonas edificadas, Reis Netto comenta que, além do prédio propriamente dito com “suas salas de aula e escritórios administrativos, lavatório e corredores (...) integrados por meio de um teto uniformemente nivelado”, também

Os jardins particulares, que circundam cada uma das salas de aula foram planejados para proporcionar uma atmosfera de tranquilidade e arejamento, ao mesmo tempo que ficam livres de elementos de perturbação. Carlos Alberto de Niemeyer, o executor do projeto, entremeou pequenos bosques de palmeiras com pedras, estabelecendo assim uma relação entre a natureza e a geometria das linhas retas formadas pelas paredes, colunas e teto (Reis Netto, 1963, p. 16).

A Escola 114 contava, assim, tanto com espaços internos pensados para as práticas pedagógicas propriamente ditas e espaços externos, de contato dos estudantes com a natureza. Além disso,

O corredor desemboca num espelho d’água, que acompanha a borda do playground, coberto, e que tem por finalidade recolher a água da chuva que escorre do teto. Em determinado ponto, o espelho d’água reflete uma escultura de Edgar Duvivier, denominada Integração 114 (Reis Netto, 1963, p. 16).

Um pátio amplo, com um espelho d’água, completava o básico do espaço arquitetônico da Escola-Classe 114 Sul. Para reforçar a descrição, Reis Netto selecionou algumas imagens do seu projeto, que podem ajudar-nos a visualizar melhor esses espaços sumariamente descritos (Figura 1).



Figura 1 – Vista superior da Escola-Classe 114 Sul.
Fonte: Revista *Módulo*.

A imagem acima apresenta uma tomada a partir do telhado da Escola-Classe 114 Sul. Nela, podemos observar as linhas retas do edifício, em diálogo com o prédio residencial ao fundo, com os pilotis e área de livre circulação, característicos da arquitetura modernista de Brasília. À esquerda, as salas de aula, com seus respectivos jardins. À direita, o pátio coberto que desembocava no espelho d’água. Na próxima imagem, é possível observar, com maiores detalhes, os jardins do exterior das salas de aula (Figura 2)

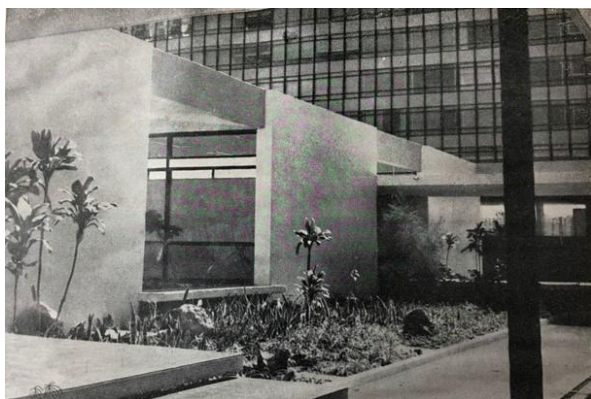


Figura 2 – Detalhe dos jardins da Escola-Classe 114 Sul.

Fonte: Revista *Módulo*.

Se tomarmos essa edificação como um produto cultural, elaborado a partir de determinadas representações de mundo e de educação – aqui definidas, com Roger Chartier, como aqueles “esquemas intelectuais incorporados, que criam as figuras graças às quais o presente pode adquirir sentido, o outro tornar-se inteligível e o espaço ser decifrado” (Chartier, 2002, p. 17) – ela também prestou-se, a partir de sua inauguração, a diferentes usos por parte das professoras, dos alunos, dos visitantes e dos moradores da quadra. Tais usos podem ser entendidos como as diferentes maneiras de fazer, as “mil práticas pelas quais os usuários se reapropriam do espaço organizado pelas técnicas da produção sociocultural” (Certeau, 1999, p. 44). Alguns desses usos podem ter ampliado o alcance das intenções do arquiteto Wilson Reis Netto e do educador Anísio Teixeira, outros podem ter as subvertido e, outros ainda, podem ter levado a maus usos ou contradições, chegando até mesmo a prejudicar o correto funcionamento da instituição escolar e suas propostas educativas. É desses últimos (maus) usos e da necessidade de restituir as funções originais do edifício por meio de determinadas práticas, que fala Yvonne Jean em suas colunas, como veremos a seguir.

Em defesa da conservação do edifício da Escola-Classe 114 Sul

Uma primeira manifestação de Yvonne Jean sobre as necessidades de conservação do edifício da

Escola-Classe 114 Sul teve lugar em sua coluna de 18 de agosto de 1964:

A COPA DA ESCOLA 114

A escola do Banco do Brasil, tão cara ao coração de todos os brasilienses porque simboliza os novos rumos que o ensino seu propunha tomar na capital, possui uma copa muito agradável, clara e alegre. É um prazer chegar a esta escola na hora do lunch e ver os copos, jarros e pratos de plástico de linhas modernas e cores simpáticas nas bandejas, que dão vontade de participar da refeição. Agora, o Círculo de Pais e Mestres ofereceu à Escola o fogão que lhe faltava. Um grande, belo, moderníssimo fogão. Entretanto, todos os sábados e domingos a pobre servente é obrigada a retirar, todas as peças móveis do fogão – chaves, rodelinhas, grades, etc.

PROPONDO UMA CAMPANHA

A pioneira Maria Amélia nos contou isso com um sorriso como quem é fatalista e admite coisas “que são assim mesmo”. Não podemos fazer o mesmo e ao pedir que se estude um meio de fechar a copa – o que fazemos sem o menor entusiasmo desde que prejudicará ao aspecto geral da escola modelar que sempre mostramos aos visitantes como um símbolo da arquitetura escolar de Brasília – lamentamos a falta de cooperação dos habitantes que nos obriga a tomar medidas como esta!

E se se organizasse uma grande campanha cívica, nas praças, educandários, igrejas, cursos de alfabetização, cinemas, etc. tentando uma derradeira vez entusiasmar a população toda para sua cidade e demonstrar-lhe o papel que lhe cabe cumprir? Deixo a sugestão para quem quiser concretizá-la!

A PIONEIRA MARIA AMÉLIA

(...)

Quem não conhece dona Anastácia e sua copa brilhante de limpeza cujo fogão novinho em folha esfrega sem cessar como uma joia cobiçada de há muito e que chegou, afinal, graças à cooperação dos pais de alunos! Esperamos que nenhum vândalo ache “engraçadinho” roubar peças do fogão, à noite e que pouco a pouco, a escola deixará de ser invadida (a não ser por aqueles que querem visitá-la) e que pouparão a pobre dona Anastácia, obrigada a retirar, à noite, peças do fogão para repô-las de manhã e que não deixa de ser um trabalho de Danaide um tanto absurdo... quando não acontece na mitologia grega e sim num moderno educandário do ano da graça de 1964 (Jean, 1964, p. 7)

Yvonne Jean principia seu relato destacando o (bom) uso da copa da Escola-Classe 114 Sul, “clara e alegre”. Desce as minúcias até dos utensílios, copos, jarras e pratos “de linhas modernas e cores simpáticas nas bandejas” a ponto de levar o visitante a querer participar da refeição. Para coroar esse cenário exitoso, que demonstra estar sendo aquele espaço usado a contento e de acordo com o que o planejamento arquitetônico supunha, foi adquirido pelo Círculo de Pais um fogão. Porém, acaba aqui a relação idílica dos usuários com o espaço, pois, segundo a jornalista, aos finais de semana as peças do equipamento precisavam ser retiradas, em função de visitantes indesejados que passavam a frequentar aquele espaço escolar.

Ao que parece, a copa era aberta – como propugnava a linguagem arquitetônica modernista – o que a deixava à mercê dos “vândalos”, que visitavam a escola fora dos horários de funcionamento, colocando em risco os seus bens. Fazendo de sua coluna não apenas um relato, mas ingrediente dos acontecimentos (Darnton, 1996), Yvonne Jean propõe uma campanha cívica, em que se eduquem as pessoas para o cuidado e respeito pelo patrimônio público escolar, embora considerasse inevitável (e lamentável) uma alteração arquitetônica: o fechamento da copa. Tudo para que “nenhum vândalo ache ‘engraçadinho’ roubar peças do fogão à noite”.

Estamos, agora, em 18 de maio de 1967, cinco anos depois da inauguração da Escola-Classe 114 Sul. Em face da iminente visita dos príncipes japoneses à escola, Yvonne Jean lastima o mau uso das jardins da instituição bem como as tentativas que considerava malsucedidas de financiar a conservação do edifício:

[...] Tampouco se aproveita, hoje em dia, do que a arquitetura quis sugerir: por exemplo, o jardim de cada classe, cujos cuidados deveriam ficar a cargo dos próprios alunos para que unissem aos estudos o trabalho físico, a responsabilidade para com sua escola, a emulação. Enfim, no ano passado (ignoro se este sistema continua) chegou-se ao absurdo de pedir um óbolo de cem cruzeiros a cada visitante que os guias faziam questão de trazer à escola, transformando uma instituição pedagógica ou num museu estático ou numa obra que precisa de caridade quando deveria ser, simplesmente, uma

possibilidade de observar a verdadeira vida escolar ativa (Jean, 1967a, p. 9).

Para governo do leitor, cumpre esclarecer que o excerto acima é o recorte de uma ampla reflexão levada à cabo por Yvonne Jean sobre o hábito de se providenciarem melhorias a edifícios que receberiam visitas importantes, sendo este o caso da Escola-Classe 114 Sul, que, em breve, seria incluída no roteiro dos príncipes do Japão em sua passagem pela cidade. É dentro deste contexto que ela revela algumas limitações que a conservação daquela instituição vinha enfrentando.

Como vimos na descrição feita por Wilson Reis Netto, cada sala de aula da escola era dotada de um jardim. Yvonne Jean, por sua vez, a par dos primeiros usos de que foi objeto aquele espaço, revela que, em princípio, o cuidado desses jardins foi reservado aos alunos de cada sala de aula “para que unissem aos estudos o trabalho físico, a responsabilidade para com sua escola, a emulação”. Esse uso ia ao encontro das perspectivas pedagógicas da Escola Nova, defendidas por Anísio Teixeira, que via a escola como uma sociedade em miniatura, simplificada, cabendo a ela preparar o educando para a vida (Teixeira, 2006). Ao que parece, em 1967, essa prática caiu em desuso o que permite inferir, nas entrelinhas, que os jardins já não estavam tão bem cuidados como deveriam ser, subvertendo-se, assim, a intencionalidade educativa daquele espaço.

Por outro lado, torna-se plausível afirmar que o poder público – representando pela Fundação Educacional do Distrito Federal – vinha deixando de investir o vil metal necessário à manutenção da Escola-Classe 114 Sul, razão pela qual deveria receber alguns melhoramentos para ser vista pelos imperiais visitantes japoneses. Pelo visto, a falta de investimentos regulares visando à conservação do edifício, deu lugar à iniciativa de cobrar dos visitantes menos famosos um ingresso para conhecer a escola, fato que Yvonne Jean reprova, por ser atitude que transformava a “instituição pedagógica” em um “museu estático ou numa obra que precisa de caridade”, quando deveria “ser, simplesmente, uma possibilidade de observar a verdadeira vida escolar ativa”.

Passados alguns meses da visita dos príncipes do Japão, Yvonne Jean voltou a relatar sua

insatisfação com o estado material da Escola 114 Sul, na coluna de 30 de setembro de 1967. Antes de chegar ao cerne da questão, ela começa com uma digressão sobre a representação coletiva em circulação relativa à organização pedagógica da escola, a partir do seu espaço arquitetônico:

Ainda não perdemos o hábito de incluir obrigatoriamente, a Escola 114 no roteiro inicial dos amigos de fora que visitam Brasília pela primeira vez e aos quais fazemos questão de transmitir não somente as civitas monumental, mas também a urbs eficiente, viva e propícia ao trabalho, tais quais foram pensadas no relatório do qual surgiu a cidade (...) Por estes dias tivemos uma destas visitas (...) Tivemos então a péssima ideia de declarar: “E agora vou lhe mostrar uma escola primária típica da cidade que respeita as crianças, uma escola cujas salas de aula possuem, cada uma, o seu jardim próprio do qual as crianças devem cuidar; uma escola com um lindo espelho d’água, prático bar para o lanche e alegres vitrais coloridos”(Jean, 1967b, p. 10).

No plano das representações coletivas, de que a jornalista se faz porta voz, a Escola 114 devia ser testemunho da realização dos projetos urbanísticos e educacional da nova capital, em que a escala monumental (que ela chama de civitas) dialogava com a escala cotidiana (a urbs eficiente), na qual viviam os moradores da capital. Peça central dessa utopia urbanística e pedagógica era a instituição escolar moderna, típica – ou seja, que se queria espelho da realidade – que “respeita as crianças”, como defendia a pedagogia da Escola Nova; e na qual as próprias crianças são responsáveis por seu paisagismo e embelezamento, desenvolvendo em certa medida uma educação estética baseada no cuidado do edifício escolar, como recomendavam as Conferências Internacionais de Instrução Pública realizadas pelo Bureau Internacional de Educação e a Unesco (Anjos, 2021), o que atestaria a sintonia da proposta educacional de Brasília com aquelas de circulação internacional.⁷

Rapidamente, porém, Yvonne Jean arrependeu-se da ideia de mostrar a Escola-Classe 114 Sul ao seu visitante:

Ai de nós! Só se salvaram os vitrais. A escola-modelo que Wilson Reis projetou com tanto amor, é, novamente, tão abandonada que dói! Soubemos que fora posta em condições por ocasião da visita dos príncipes do Japão, há poucos meses. Por isto, não esperávamos ver jardins tristes com plantas mortas e agonizantes, um espelho d’água sem água, uma sujeira inominável toma conta do prédio, o armário quebrado do bar ao ar livre, e um ambiente de ruínas prematuras em vez de vida infantil sorridente que anunciáramos.

O único fato positivo foi a ausência do encarregado que costumava pedir óbolo de entrada como se fosse um museu! (Jean, 1967b, p. 10).

A constatação da jornalista de que a escola teria sido “posta em condições por ocasião da visita dos príncipes do Japão” e, poucos meses depois, já se encontrava em estado de abandono, é sinal de que os usuários não vinham se conformando às diretrizes pedagógicas que deviam reger a instituição: as crianças não estavam sendo motivadas a cuidar do jardim, os que deviam zelar pelo espelho d’água não o faziam e a sujeira tomava conta do prédio. Até o armário do bar ao ar livre estava quebrado, contradizendo todas as expectativas sobre o bom uso daquele espaço escolar. Os dois únicos pontos positivos que ela encontrou foram a ausência de cobrança do “óbolo” para ver a escola e os vitrais, que ainda eram preservados.

Para encerrar seu relato da malsucedida visita à Escola-Classe 114 Sul, Yvonne Jean partilha com os leitores as impressões do incógnito visitante:

- Realmente a ideia de salas com jardim e a planta bem simples são excelentes, disse o meu visitante. Porém, queria saber como uma cidade tão nova consegue dar tamanha ideia de abandono. Esta escola me dá a mesma impressão de que os ministérios cujos brise-soleil em pedaços desmentem a nobreza. Construir sem conservar é um contrassenso. Quanto à participação dos alunos e suas responsabilidades para com seus jardins...

Não terminou deixando um sorriso irônico concluir a frase à qual nada podíamos retrucar. Não conseguíamos compreender como alguns meses geraram estas “ruínas” sem o charme das velhas pedras e fugimos do conjunto que,

antigamente, era o símbolo da integração professores-crianças-jardins-prédio e também ensino didático e prático, sem a sombra de orgulho com o qual despertaremos a curiosidade do visitante para o qual inventamos uma inverídica e complicada série de desculpas (Jean, 1967b, p. 10).

Dois anos após este relato, em 27 de julho de 1969, o estado de conservação da Escola-Classe 114 Sul foi novamente objeto de denúncias na coluna de Yvonne Jean. Antes, recordou um passado em que teria se realizado o ideal pedagógico propugnado pela proposta arquitetônica da escola:

Antigamente (e este “antigamente” não é lá, bem velho numa cidade que nem dez anos de idade atingiu), sempre fazíamos questão de mostrar a escola 114, explicar o sentido da superquadra, o playground, jardim de infância e escola primária dentro da própria quadra, que geram independência em crianças ainda pequenas. A 114 com seus alegres vitrais coloridos, espelho d’água, escultura e, principalmente, classes formadas pela sala coberta e a sala ao ar livre, sempre era mostrada com orgulho como um símbolo da renovação escolar pensada para Brasília (Jean, 1969, p. 32).

No presente, porém, a situação era outra:

Durante este mês de férias, voltamos à simpática superquadra 114 com visitantes e tivemos uma tremenda decepção. A escola tem um ar de abandono total. São as férias, sim, mas não teria sido natural limpar a escola após o último dia de aulas, em vez de deixar as salas cheias de papéis no chão, móveis fora do lugar, poeira e tudo o mais? Ficou tudo como estava como quando a última criança saiu da escola e a impressão é das menos agradáveis (Jean, 1969, p. 32).

Não só a limpeza era insuficiente, mas o estado de conservação do próprio prédio era deplorado por Yvonne Jean:

Além do mais, há vidros quebrados. A escultura de Duvivier está escondida pelos galhos de uma árvore que cresceu muito (galhos que bastaria cortar, o que em nada prejudicaria a árvore e levaria cinco minutos). Os jardins – e este é o fato mais grave – são feios, quase sem vegetação, sem

uma flor, sem uma grama, evidentemente desleixados de há muito, o que nos impediu explicar aos visitantes que uma das ideias positivas da escola fora de dar os jardins aos alunos de cada classe para que deles cuidassem (Jean, 1969, p. 32).

No seu conjunto, as declarações de Yvonne Jean revelam que a Escola-Classe 114 Sul não vinha sendo objeto nem de cuidados pedagógicos nem de conservação. No plano pedagógico, abandonara-se aquele ideal que a fez ser considerada uma escola modelo, na qual natureza e arquitetura se aliavam para promover processos educativos da infância. No plano da conservação, nem cuidados básicos como a limpeza após as aulas antes do período de férias ou uma manutenção de médio prazo dos seus vidros, gramas, árvores vinham sendo realizados de forma eficaz. O resultado era uma imagem de abandono e descaso, que urgia modificar. Por isso, encerrando sua nota sobre o estado da Escola-Classe 114 Sul, Yvonne Jean mais uma vez – como já fizera em 1964 – lança um apelo aos responsáveis:

O hábito ainda leva todos os guias voluntários de Brasília à escola primária 114. Por isso pedimos que se faça, imediatamente, uma limpeza na escola, que se apresenta por demais suja, desleixada e abandonada.

Insistimos sobre a urgente necessidade de recuperar uma escola cujo atual estado nos espantou, pois corpos docente e discente, como também o Círculo de Pais, sempre demonstraram muito orgulho da escola modelo de Wilson Reis Netto, chegando até, durante alguns tempos, a cobrar uma entrada dos visitantes, o que foi um exagero no sentido oposto atual, pois confundia escola para ver com escola para funcionar.

Depois disso, pediremos que também se volte a cuidar dos jardins para que recuperem seu sentido e razão de ser primitivos de área de tranquilidade, de verde que ajuda ao estudo e de beleza criada pelo trabalho das próprias crianças. Mas este é um assunto para depois das férias. No momento, o que importa é uma limpeza geral, feita com alguma ternura, a fim de reintegrar a escola 114 no seu espírito inicial (Jean, 1969, p. 32).

Se os apelos de Yvonne Jean foram ouvidos, não sabemos. O assunto não voltou à baila em suas colunas na década de 1960. Todavia, sobreviveu ao tempo o registro da defesa que ela realizou da

conservação da Escola-Classe 114 Sul e seu empenho para que não se desvirtuasse o plano educativo do qual ela fazia parte e cujo traçado arquitetônico queria expressar.

Considerações finais

Este artigo teve por objetivo analisar a defesa da conservação do edifício da Escola-Classe 114 Sul em Brasília, nas colunas da jornalista Yvonne Jean, publicadas no jornal diário *Correio Braziliense*.

Inicialmente, pudemos revisitar algumas das concepções arquitetônicas e pedagógicas que presidiram a criação da escola, que a queriam como uma instituição moderna – modernidade expressa nas suas linhas arquitetônicas traçadas por Wilson Reis Netto – e centrada na criança, como partícipe do processo educativo. Ao contrastar o prescrito com o realizado, as “artes de fazer” cearteunianas da escola através das colunas da jornalista Yvonne Jean, pudemos observar os maus usos de que a instituição foi sendo objeto ao longo da década de 1960 e que, aos poucos, foram desvirtuando e subvertendo sua proposta educativa. Mais do que relatar essa situação, evidencia-se na escrita de Yvonne Jean um forte caráter interventivo, no sentido de sensibilizar leitores, comunidade escolar e autoridades para empreenderem esforços visando a conservação do edifício da escola-classe e, mais do que isso, o retorno às práticas educativas mediadas pelo espaço escolar, que teriam caracterizado a Escola-Classe 114 Sul nas suas origens.

A Escola-Classe 114 Sul existe e continua em funcionamento até os dias de hoje, embora, diferente do que ocorreu com a Escola Classe 308 Sul e a Escola Parque 307/308 Sul, não tenha sido tombada. Por essa razão, ao longo do tempo, sofreu inúmeras alterações no seu espaço físico, conservando, no entanto, as linhas modernistas de Wilson Reis Netto. Seria oportuno, assim, em estudos futuros, investigar outros momentos da história deste edifício e os modos como continuou a participar (ou não) dos processos educativos que ali tiveram lugar. Este artigo, nesse sentido, torna-se um convite a outras pesquisas sobre essa instituição escolar, cuja arquitetura marcou a história da educação em Brasília e no Distrito Federal.

Notas

1 Nascido em 1923 e falecido em 2001, Wilson Reis Netto, arquiteto formado pela Faculdade Nacional de Arquitetura da Universidade do Brasil (1951), assinou obras espalhadas por diversas regiões no Brasil e no exterior. Em Brasília, destacam-se os projetos do Clube de Golfe, da Escola-Classe 114 Sul, Embaixada do Senegal e o Pavilhão da Feira de Indústria e Comércio de 1964. Informações detalhadas sobre sua trajetória e projetos podem ser encontradas em <https://www.wilsonreisnetto.com.br/>, site do Instituto que leva seu nome.

2 A Escola-Classe 114 Sul não foi a única construída em Brasília com linhas arquitetônicas modernistas. São outros exemplares o edifício da Escola Parque 307/308 Sul, do Jardim de Infância 21 de Abril, da Escola-Classe 308 Sul, apenas para citar algumas. Todavia, nas páginas da imprensa da época, a escola projetada por Wilson Reis Netto era considerada a mais bonita e modelar.

3 O Movimento pela Escola Nova no Brasil teve seu auge nas décadas de 1920 e 1930, espalhando sua influência, porém, até a década de 1960. Tendo por escopo pedagógico os princípios da Escola Ativa, os educadores que o integravam defendiam a centralidade da criança no processo educativo e a escola como lugar de preparação para a vida. Embora a historiografia recente venha destacando o caráter transnacional do Movimento (Vidal e Rabelo, 2020) no Brasil, ele assumiu um forte acento político, uma vez que vários de seus representantes estiveram a frente de importantes reformas educacionais, que visavam tornar política de Estado os princípios pedagógicos do movimento. Seu ponto alto foi a publicação do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova em 1932, no qual, por meio de um complexo processo de negociação, apresentou-se à sociedade brasileira alguns pontos de acordo entre educadores, como a defesa da educação gratuita e laica. Para uma visão geral do movimento e das reformas educacionais que ele engendrou em nosso país, ver Miguel, Vidal e Araújo (2011).

4 Anísio Teixeira (1900-1971) foi um educador baiano, expoente do Movimento pela Escola Nova, que teve grande destaque na história da educação brasileira no século XX. Realizou reformas do ensino na Bahia e no antigo Distrito Federal, nas décadas de 1920 e 1930. Entre 1952 e 1964 esteve à frente do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (INEP), capitaneando as principais iniciativas educacionais do país. Dentre suas realizações estão os sistemas de ensino que propôs para o Rio de Janeiro nos anos 1930 e Brasília nos anos 1960, além do Centro Educacional Carneiro Ribeiro na Bahia dos anos 1950. Foi idealizador da Universidade do Distrito Federal

(1935-1939) e, junto com Darcy Ribeiro, da Universidade de Brasília. A defesa intransigente da escola pública é a principal característica de sua militância no campo educacional. Uma visão de conjunto de sua trajetória pode ser encontrada em Nunes (2001).

5 Trata-se da pesquisa “Culturas escolares da escola primária nas colunas da jornalista Yvonne Jean (Brasília, década de 1960)” desenvolvida sob supervisão da Professora Dra. Betânia de Oliveira Laterza Ribeiro junto à linha de história e historiografia da educação do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Uberlândia.

6 Em função de outra pesquisa em desenvolvimento em forma de projeto guarda-chuva junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação, Modalidade Profissional, da Universidade de Brasília, localizei em outras seções do Correio Braziliense referências a vários aspectos das culturas escolares da Escola Classe 114 Sul, inclusive, sua cultura material. Neste artigo, porém, atendo-me somente em investigar o que foi veiculado nas colunas de Yvonne Jean, por serem as únicas a empreenderem uma defesa aberta da conservação do edifício escolar.

7 Nas recomendações da Conferência de 1957, lê-se a seguinte indicação: “No próprio interesse da educação, é bom que a criança contribua ao máximo para a conservação e embelezamento de sua escola” (Anjos, 2021, p. 36).

Referências

ANJOS, Juarez José Tuchinski dos. A cultura material da escola primária nas recomendações das Conferências Internacionais de Instrução Pública (1934-1968). *In: CORDEIRO, Andréa Bezerra et al. (Orgs.) A teia das coisas: cultura material escolar e pesquisa em rede.* Curitiba: NEPIE-UFPR, 2021, p. 28-47.

ANJOS, Juarez José Tuchinski dos. O jornal “Correio Braziliense” como fonte para a história das culturas escolares em Brasília (1960-1971). *In: BERTOLETTI, Estela Natalina Mantovani; ZIMMERMAN; Tânia Regina. (Orgs.) Fontes históricas em perspectivas situadas: Limiares de pesquisas e ensinabilidades em educação.* São Carlos: Pedro & João Editores, 2022, p. 37-54.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer.** Petrópolis: Vozes, 1999.

CHAIN, Samira Bueno. **Cidade nova, novas escolas?** Anísio Teixeira, arquitetura e educação em Brasília. (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo). Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2018.

CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações.** Lisboa: Difel, 2002.

COSTA, Lúcio. **Relatório do Plano Piloto de Brasília.** Brasília: GDF, 1991.

DARNTON, Robert. Introdução. *In: DARNTON, Robert; ROCHE, Daniel (Orgs.) Revolução impressa: a imprensa na França 1775-1800.* São Paulo: Edusp, 1996, p. 111-154.

FEDF. **Escolas da FEDF.** Volume 1. Brasília: Fundação Educacional do Distrito Federal, 1985.

GINZBURG, Carlo. O nome e o como. Troca desigual e mercado historiográfico. *In: A micro-história e outros ensaios.* Lisboa: Difel, 1991, p. 169-178.

INSTITUTO WILSON REIS NETTO. Disponível em: <https://www.wilsonreisnetto.com.br/>. Acesso em 08 jan. 2024.

JEAN, Yvonne. Correio Estudantil. O ensino dia a dia. **Correio Braziliense.** Brasília, 18 ago. 1964, p. 7.

JEAN, Yvonne. Esquinas de Brasília. **Correio Braziliense.** Brasília, 18 mai. 1967a, p. 9.

JEAN, Yvonne. Esquinas de Brasília. **Correio Braziliense**. Brasília, 30 set. 1967b, p. 10.

JEAN, Yvonne. Esquinas de Brasília. **Correio Braziliense**. Brasília, 27 jul. 1969, p. 32.

MIGUEL, Maria Elisabeth Blanck; VIDAL, Diana Gonçalves; ARAÚJO, José Carlos Souza (Orgs.). **Reformas educacionais: as manifestações da Escola Nova no Brasil (1920 a 1946)**. Uberlândia: EDUFU e Autores Associados, 2011.

MINEIRINI NETO, José. Yvonne Jean: o jornalismo na defesa da mulher, da arte e da educação. *In*: BARBOSA, Ana Mae; AMARAL, Vitória (orgs.). **Mulheres não devem ficar em silêncio**. Arte, Design, Educação. São Paulo: Editora Cortez, 2019, p. 137-170.

NUNES, Clarice. Anísio Teixeira: a poesia da ação. **Revista Brasileira de Educação**. Campinas, n. 16, p. 5-18, jan.-abr. 2001.

REIS NETTO, Wilson. Escola primária em Brasília. **Módulo**. Rio de Janeiro, n. 34, p. 16-17, 1963.

TEIXEIRA, Ana Paula Tavares. Yvonne Jean, Brasília e a UnB (1962-1965). *In*: **Café História**. Disponível em: <https://www.cafehistoria.com.br/yvonne-jean-brasil-ia-e-a-unb-1962-1965/>. Publicado em: 19 mai. 2017.

TEIXEIRA, Anísio. **Aspectos americanos de educação; Anotações de viagem aos Estados Unidos em 1927**. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2006.

TEIXEIRA, Anísio. Plano de construções escolares de Brasília. **Revista Brasileira de Estudos**

Pedagógicos. Rio de Janeiro, v. 35, n. 81, p. 195-199, jan./mar. 1961.

VIDAL, Diana Gonçalves; RABELO, Rafaela da Silva (Orgs.). **Movimento internacional da educação nova**. Belo Horizonte: Fino Traço, 2020.

VIÑAO FRAGO, Antonio. Do espaço escolar e da escola como lugar: propostas e questões. *In*: ESCOLANO BENITO, Agustín; VIÑAO FRAGO, Antonio. **Currículo, espaço e subjetividade: a arquitetura como programa**. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2001, p. 59-140.